

Chegará a manhã com a sua rosa redonda na boca. E eu canto.

Eu canto. Eu canto. Eu canto. Eu canto.

La barcarola (excerto), Pablo Neruda

O vitalismo e a intensidade lírica são talvez os aspectos que de imediato nos seduzem na pintura de António Carmo. Uma pintura solar de expressivos contrastes pontuados pela presença de cores primárias, os ritmos dançantes animados de audaciosas transparências e uma depuração geometrizar que se liga à voluptuosa encenação da cor desposando as formas generosas, rubensianas.

Planos fragmentados, sobreposições exuberantes num universo de formas em constante movimento, mesmo quando este movimento é o dos gestos íntimos, dos olhares interiorizados, dos silêncios partilhados.

Íntimos movimentos da alma contagiando as árvores, o sol, o fogo e os rios, o fogo dos rios, o sol das árvores. Mágica, redonda comunhão. O mundo é uma cúpula de alegrias e coloridos segredos da terra. Terra fértil, feminina, primaveril, oferecendo os seus gomos sumarentos, as suas veredas salpicadas de sol, as suas florestas povoadas de pássaros, os rubros fulgores dos seus incêndios. Terra que imita os gestos dos amantes e das raparigas preguiçando, embaladas pela luz e a cálida aragem.

Terra íntima e grandiosa, terra onde ecoa a grande sinfonia da criação. Terra de exaltação e de música vibrando no *élan* de uma barroca acumulação que esconde o desejo de uma fuga, da evasão constante arrebatando as personagens que se fundem com a pura luz numa colorida e mediterrânica doçura.

Jardim iluminado de nocturnas delícias transfiguradas, velam anjos matutinos colhendo os saborosos frutos das sombras. Perto está uma terra prometida, o coração do mundo ardendo em pequenas chamas perfumadas, rosas de uma paixão única. O azul é o de uma líquida frescura, leve regaço amoroso.

Espaço de uma pujança e de uma plenitude reais, se a realidade fosse mais do que uma promessa, uma esperança vivida no sonho de que a vida está grávida. Os olhos ausentes dizem-nos o olhar do sonho, uma vida anterior à vida que assim se anuncia.

Vibrante nostalgia de uma felicidade primeira, de um paraíso que se misturou com o ouro poente, bater de asas secretas entre as jóias da tarde, esmeraldas, turquesas, topázios e ametistas, rubis há muito perdidos na corrente.

Perpassam nuvens douradas, ondas de calor e a memória das águas. Os lábios são vermelhas cerejas de uma estação cintilante, eterna.

Repouso maternal, feminina metáfora habitando a morada do silêncio. No labirinto das imagens adormeceu a semente do amor. Ternas lembranças guardadas nas páginas de um romance antigo. A vida parece tão próxima, o amor possível, a alegria verdadeira. A pintura de António Carmo desenha um limiar, oferece-nos o horizonte do possível. Horizonte de uma totalidade pressentida, ausente e presente, mágico encontro com a poesia.

Maria João Fernandes

Crítica de Arte, 2002